

História de ano novo

The background of the cover is a warm, orange-toned illustration. On the right side, there is a detailed, dark-colored Gothic-style building with multiple spires and pointed arches. The rest of the background is a textured, painterly wash of orange and yellow tones, with some faint, vertical lines suggesting a cityscape or architectural elements in the distance.

Андрей Тихомиров
Марина Попова

Марина Попова
Андрей Тихомиров
História de ano novo

http://www.litres.ru/pages/biblio_book/?art=70089637

SelfPub; 2023

Аннотация

O feriado de Ano Novo ainda é o período em que as principais obras do ano que termina já foram concluídas e os preparativos para as obras do novo ciclo já foram iniciados. A época das festas de fim de ano é percebida como um momento especial e sagrado, quando existia uma lacuna entre o passado e o futuro, uma lacuna que foi acompanhada pela luta entre o bem e o mal no seu significado universal e cósmico. Ao mesmo tempo, o feriado de Ano Novo pode ser comparado ao som nítido de um diapasão, que deveria definir o clima para todos os eventos subsequentes do ano. Durante o Ano Novo, tudo parecia nascer, surgir pela primeira vez, portanto, desde os tempos antigos, tudo o que acontecia no Ano Novo ganhava um significado especial e cada fenômeno era repleto de um significado profundo.

Андрей Тихомиров, Марина Попова

História de ano novo

O conceito de Ano Novo e sua história

Ano Novo é a hora ou dia em que um novo ano civil começa e o número de anos no calendário aumenta em um. Muitas culturas celebram este evento de uma forma ou de outra. De acordo com o calendário gregoriano, o sistema de calendário mais utilizado atualmente, o Ano Novo cai em 1º de janeiro.

Desde a antiguidade, o Ano Novo é celebrado como universal e, com o fortalecimento do poder do Estado, como feriado. Ao mesmo tempo, o Ano Novo sempre foi visto como um feriado em família, como um feriado que conecta cada pessoa com seus parentes, com os ancestrais vivos e falecidos. Na celebração do Ano Novo existiram, e ainda existem até hoje, vários níveis: estadual e nacional, público e familiar. Os principais atributos de qualquer ano são a alternância do dia e da noite, seu retorno às posições originais. Ou seja, estamos falando dos solstícios de inverno e verão, dos equinócios de primavera e outono. Esses momentos do ano eram celebrados pelos povos antigos como uma espécie de começo. Os movimentos do Sol e da Lua são os fenômenos naturais mais proeminentes e regularmente recorrentes, úteis para marcar o tempo, e foram as unidades de

tempo mais comumente usadas nas sociedades antigas em todo o mundo.

Os costumes e rituais do calendário do ciclo anual associados à atividade laboral dos povos são um fenómeno social complexo, um reflexo único da sua vida sociopolítica, histórica, cultural, étnica e espiritual nas várias fases de desenvolvimento. Como expressão concentrada da cultura espiritual e material dos povos, os feriados trazem a marca da especificidade étnica. Ao mesmo tempo, refletem a semelhança tipológica da cultura humana, a influência dos contactos e conexões históricas e culturais. Os costumes e rituais do calendário constituem uma parte importante de um fenómeno como o feriado. Existindo em todas as sociedades desde a antiguidade, as férias são uma condição necessária da existência social.

Já na antiguidade, filósofos e historiadores tentaram definir o fenómeno das férias, para esclarecer o seu papel na vida da sociedade (Platão, Aristóteles). O feriado tem sido objeto de pesquisas de cientistas nos tempos modernos e recentes. Hoje em dia, filósofos, etnógrafos, estudiosos da literatura e folcloristas estão se voltando para o estudo dos feriados. A complexidade e versatilidade das férias como parte indispensável da cultura humana também se expressam na sua multifuncionalidade social. Assim, os pesquisadores modernos observam as seguintes funções do feriado: a renovação solene da vida; funções comunicativas e reguladoras; compensatório; emocional e psicológico; funções ideológicas e moral-educativas.

Entre os vários tipos de feriados (a questão da classificação dos feriados é discutível), um dos mais importantes são os feriados do calendário, que estão mais intimamente relacionados com a cultura tradicional dos povos. A importância do estudo histórico e etnográfico dos feriados do calendário, bem como dos costumes e rituais populares a eles associados, é determinada pelo facto de esta investigação nos permitir identificar a génese dos próprios feriados, as fontes antigas de muitos costumes e rituais, e traçar o desenvolvimento das instituições sociais, crenças populares, fornece material para o estudo dos problemas da etnogênese e da história étnica dos povos, permite delinear conexões e contatos genéticos e histórico-culturais, resolver o problema da relação entre o feriado e a arte popular revelam o psico-emocional O papel lógico do feriado e do clima festivo em uma série de assuntos e preocupações do cotidiano, na recriação do impulso de vida.

Calendário do Lat. *calendarium*, literalmente – um livro de dívidas (os devedores pagavam juros no primeiro dia de cada mês – um sistema de contagem de longos períodos de tempo, utilizando a periodicidade dos fenômenos naturais, manifestados de forma especialmente clara nos movimentos dos corpos celestes. O desenvolvimento dos calendários reflete as condições da estrutura econômica dos povos. Com base em rico material etnográfico pode-se traçar como formas idênticas de estrutura econômica levam à formação de conceitos de calendário semelhantes. Todas as nacionalidades têm o conceito de ano;

o ano é dividido em estações, o cujo número é geralmente quatro, mas pode chegar até sete. As estações são divididas em intervalos menores (de 10 a 12 por ano), tendo uma conexão com os meses lunares. “Os nomes dos meses refletem a base econômica da vida, por exemplo, entre os pastores de renas Evenki siberianos há um mês “quando o cervo descasca a pele dos chifres”, o mês do “parto” e etc.; entre os Tungus das margens do Amur há um mês de “chegada do salmão amigo”, mês de “desova”. As observações dos luminares têm uma ligação indiscutível com o cálculo do tempo; Os Nanais têm um mês “quando a cabeça do Urso se põe antes do amanhecer”. Nos países tropicais, um duplo ciclo de trabalho de campo (2 semeaduras e 2 colheitas) coincide com uma determinada posição no céu da constelação de Órion; em outros países, as Plêiades desempenham um papel igualmente importante” (Grande Enciclopédia Soviética, editada por B. A. Vvedensky , Moscou, 1953, volume 19, página 402). Os primeiros calendários físicos registrados, dependentes do desenvolvimento da escrita no Antigo Oriente Próximo, são os calendários egípcio e sumério da Idade do Bronze. O calendário egípcio antigo, associado ao movimento anual visível do Sol, é o protótipo de todos os calendários solares. Foi criado no 4º milênio AC. e. com a finalidade de regulamentar o trabalho de campo. Sabe-se que por volta de 2.800 AC. e. a unidade básica de tempo foi o ano; foi dividido em 3 épocas (cheia, inverno e semeadura, colheita) de 4 meses cada. O mês foi dividido em 3 décadas, ou seja, teve 30 dias. Após 12 meses, foram inseridos

5 dias adicionais no calendário. Assim, todos os anos tiveram a mesma duração de 365 dias. O início do ano civil foi registrado no dia da primeira ascensão visível (ou helíaca, ocorrendo no contexto do amanhecer) de Sirius (Canis Major).

Os antigos indo-europeus, que se originaram como um grupo linguístico no sul dos Urais, tinham ideias sobre o calendário. Durante o período védico, os antigos índios indo-europeus desenvolveram metodologias sofisticadas de cronometragem e calendários para rituais védicos. Por exemplo, o calendário Vedanga na Índia antiga foi baseado em pesquisas astronômicas do período védico e não foi emprestado de outras culturas.

Um grande número de sistemas de calendário no Antigo Oriente Próximo baseavam-se no calendário babilônico que data da Idade do Ferro, entre eles o sistema de calendário do Império Persa, que remonta à cultura indo-européia, que por sua vez deu origem ao Calendário Zoroastrista. O Ano Novo Babilônico começou com a primeira lua nova após o equinócio do norte. As antigas celebrações duraram 11 dias.

A base da cronologia grega antiga era a contagem do tempo de acordo com as Olimpíadas – festivais e jogos nacionais que aconteciam uma vez a cada 4 anos em Olímpia. A era das Olimpíadas é considerada o verão de 776 aC; Segundo a lenda, as primeiras Olimpíadas aconteceram este ano.

Antigamente, os calendários eram lunissolares, dependendo da introdução de meses intermediários para alinhar os anos solares e lunares. Isto foi em grande parte observacional, mas

pode ter havido tentativas iniciais de modelar algorítmicamente a estrutura de intercalação, como evidenciado pelo calendário fragmentário de Coligny do século II. Dependendo do calendário usado, os anos novos são frequentemente classificados como anos novos lunares, anos novos lunissolares ou anos novos solares.

O calendário romano foi reformado por Júlio César em 46 AC. Seu calendário “juliano” não dependia mais da observação da lua nova, mas seguia o algoritmo de introdução de um dia bissexto a cada quatro anos. Isso levou à separação do mês civil do período lunar.

Segundo o antigo calendário romano, o ano era composto por 10 meses, sendo março considerado o primeiro mês, em homenagem ao deus Marte. Na virada dos séculos VII e VI. AC e. Dos etruscos foi emprestado um calendário no qual o ano era dividido em 12 meses: janeiro e fevereiro seguidos de dezembro. Os meses do calendário romano tinham os seguintes nomes:

mensis – mês

Martius – Março (em homenagem ao deus Marte)

Aprilis – Abril (aquecido pelo Sol)

Maius – Maio (em homenagem à deusa Maya)

Junius – junho (em homenagem à deusa Juno).

Quintflis – quinto (de 44 aC. Júlio – julho, em homenagem a Júlio César)

Sextllis – sexto (de 8 DC Augusto – agosto, em homenagem ao imperador romano Augusto)

Setembro – setembro (sétimo)

Outubro – outubro (oitavo)

Novembro – novembro (nono)

Dezembro – dezembro (décimo)

Januário – Janeiro (em homenagem ao deus Janus, o nome de Deus está associado às palavras janus passagem coberta e porta janua; deus das portas, entrada e saída, todo começo).

Fevereiro – Fevereiro (mês das purificações, de fevereiro à limpeza, para fazer o sacrifício expiatório no final do ano).

Júlio César em 46 a.C. e., a conselho do astrônomo egípcio Sosígenes, realizou uma reforma radical do calendário segundo o modelo adotado no Egito. Foi estabelecido um ciclo solar de quatro anos ($365 + 365 + 365 + 366 = 1461$ dias) com durações de meses desiguais, ainda aceito hoje: 30 dias (abril, junho, setembro, novembro) e 31 dias (janeiro, março, maio, julho, agosto, outubro, dezembro), em fevereiro – 28 dias para três anos e 29 dias para o quarto ano. César mudou o início do ano para primeiro de janeiro, pois neste dia os cônsules tomaram posse e começou o ano econômico romano.

O calendário gregoriano, introduzido em 1582 pelo Papa Gregório XIII, corrigiu a maioria das diferenças restantes entre o calendário juliano e o ano solar.

Várias propostas contemporâneas foram apresentadas para reformar o calendário moderno, como o Calendário Universal, o Calendário Fixo Internacional, o Calendário Holoceno e o Calendário Permanente Hanke-Henry. Tais ideias são discutidas

de vez em quando, mas não conseguem ganhar popularidade devido à perda de continuidade e à grande convulsão que a sua implementação implicaria, bem como ao seu impacto nos ciclos da actividade religiosa.

Outras culturas celebram o seu Ano Novo tradicional ou religioso de acordo com os seus costumes, geralmente (embora nem sempre) porque utilizam um calendário lunar ou lunisolar. Exemplos bem conhecidos incluem o Ano Novo Chinês, o Ano Novo Islâmico, o Ano Novo Tamil (Puthandu) e o Ano Novo Judaico. Índia, Nepal e outros países também celebram o Ano Novo de acordo com os seus próprios calendários, que variam de acordo com o calendário gregoriano.

Durante a Idade Média na Europa Ocidental, quando o calendário Juliano ainda estava em uso, as autoridades mudaram o Dia de Ano Novo, dependendo da região, para um de vários outros dias, incluindo 1 de Março, 25 de Março, Páscoa (um feriado nómada), Setembro 1 e 25 de dezembro. Desde então, muitos calendários civis nacionais no mundo ocidental e além passaram a usar uma data fixa para celebrar o Ano Novo, 1º de janeiro – a maioria deles fez isso adotando o calendário gregoriano.

1º de janeiro: Primeiro dia do ano civil de acordo com o calendário gregoriano usado pela maioria dos países. Ao contrário da crença popular no Ocidente, o Ano Novo civil, celebrado em 1º de janeiro, não é um feriado religioso cristão ortodoxo. O calendário litúrgico ortodoxo oriental não prevê a

celebração do Ano Novo. Embora o calendário litúrgico comece em 1º de setembro, o início de um novo ciclo também não está associado a nenhum rito religioso especial. No entanto, os povos ortodoxos podem celebrar o Ano Novo como parte dos feriados civis. Aqueles que aderem ao calendário juliano revisto (que sincroniza datas com o calendário gregoriano), incluindo Bulgária, Chipre, Egito, Grécia, Roménia, Síria e Turquia, observam feriados religiosos e civis em 1 de Janeiro. Em outros países e localidades onde as igrejas ortodoxas ainda aderem ao calendário juliano, incluindo Geórgia, Israel, Rússia, Macedônia do Norte, Sérvia e Montenegro, o ano novo civil é celebrado em 1º de janeiro do calendário civil, enquanto os mesmos feriados religiosos são celebrados em 14 de janeiro gregoriano (ou seja, 1º de janeiro juliano) de acordo com o calendário litúrgico.

Atualmente, o Ano Novo Japonês é comemorado em 1º de janeiro, sendo o feriado geralmente comemorado até 3 de janeiro, enquanto outras fontes afirmam que o segatsu dura até 6 de janeiro. Em 1873, cinco anos após a Restauração Meiji, o Japão adotou o calendário gregoriano. Até 1873, o Japão usava um calendário lunar em que doze meses consistiam em 29 ou 30 dias, cada um totalizando cerca de 354 dias. “O feriado de Ano Novo brilhante, colorido e alegre dos japoneses sempre atraiu a atenção. Observando a diversidade de costumes e rituais de Ano Novo dos japoneses, o diplomata russo Grigory de Vollan no final do século XIX. escreveu: “Cada província celebra o Ano Novo à sua maneira, e poderia

encher um livro inteiro se descrevesse todos os costumes característicos do povo japonês” (Vollan, 1903, p. 176). Na verdade, o Japão sempre foi caracterizado por uma diversidade etnográfica significativa, uma abundância de costumes locais e características em todas as áreas da vida tradicional. Isso cria certas dificuldades ao estudar qualquer costume japonês, uma vez que as características totalmente japonesas se manifestam através de muitas variações locais. Isto também se aplica às celebrações do Ano Novo. No entanto, podemos supor que já no final da era Edo (1603-1868) e especialmente durante o período Meiji (1868-1912), embora mantendo as características locais, desenvolveu-se um modelo pan-japonês de feriado de Ano Novo baseado no nivelamento dos costumes rurais locais. Quanto a estes últimos, eles ainda são muito diversos em diferentes regiões do Japão" (Calendário, costumes e rituais dos povos do Leste Asiático. Ano Novo, editores-chefes: R. Sh. Dzharlygasinova, M. V. Kryukov, Moscou, Editorial Principal Conselho de Literatura Oriental da Editora Nauka, 1985, p. 117).

O Ano Novo Chinês, também conhecido como Festival da Primavera ou Ano Novo Lunar, é celebrado todos os anos na lua nova do primeiro mês lunar, por volta do início da primavera (Lichun). A data exata pode cair a qualquer momento entre 21 de janeiro e 21 de fevereiro (inclusive) de acordo com o calendário gregoriano. Tradicionalmente, o ano era marcado por um dos doze Ramos Terrestres, representados por animais, e por um dos dez Caules Celestiais, que correspondem aos cinco elementos.

Essa combinação se repete a cada 60 anos. Este é o feriado chinês mais importante do ano. Na China, o Ano Novo tem sido o feriado principal e verdadeiramente nacional desde os tempos antigos – o mais solene, o mais alegre, o mais barulhento e o mais longo. É assim que ele permanece até hoje. No entanto, os sinais externos deste feriado não revelam totalmente o seu significado excepcional na China. Uma das características mais importantes, senão a mais importante, da cultura tradicional chinesa é a ênfase na ligação orgânica entre o homem e o mundo natural. Para os chineses, o ciclo do tempo mundial coincidia com o ciclo das estações, com o ciclo eterno de renascimento e morte da natureza.

E o Ano Novo marcou para eles uma renovação completa e geral do mundo, a ponto de se considerar que uma criança nascida no ano velho após a celebração do Ano Novo amadureceu um ano. O Ano Novo na China abriu uma nova página na vida de todos, incutindo em todos a esperança de uma nova felicidade. As festas de fim de ano não eram, portanto, apenas um momento de festas, diversões e ócios agradáveis, tão diferentes da vida quotidiana, que eram esperados e recordados durante todo o ano. Eles refletiam, de uma forma ou de outra, todos os aspectos da cultura e da vida dos chineses – desde as crenças religiosas e a vida familiar até a atividade econômica. O costume de celebrar o Ano Novo no final do inverno remonta aos tempos antigos na China. No entanto, a data do Ano Novo e as formas dos rituais festivos, é claro, não permaneceram

inalteradas durante o desenvolvimento histórico da civilização chinesa. As formas arcaicas de celebração do Ano Novo eram os feriados Zha e La, cujas origens se perdem nas culturas neolíticas da planície do Rio Amarelo.

O Ano Novo Coreano é Seollal, ou Ano Novo Lunar. Embora 1º de janeiro seja essencialmente o primeiro dia do ano, Seollal, o primeiro dia do calendário lunar, é mais significativo para os coreanos. Acredita-se que as comemorações do Ano Novo Lunar começaram a trazer boa sorte e afastar os maus espíritos ao longo do ano. Quando termina o ano velho e começa o ano novo, as pessoas se reúnem em casa e sentam-se com suas famílias e parentes, relembrando o que fizeram. Desde o início da Idade Média, pelo menos dois níveis se desenvolveram nos rituais do feriado de Ano Novo dos coreanos: folclórico e oficial, que ao longo dos séculos tiveram uma influência significativa um sobre o outro. Os costumes e rituais do feriado também refletiam seu caráter familiar (ou de clã), bem como os interesses da comunidade. A formação dos rituais multifuncionais de Ano Novo dos coreanos foi influenciada pela vida socioeconômica, política, cultural do país e do povo, pelas ideologias do Budismo, Confucionismo, Taoísmo e crenças antigas que mantiveram sua força até o século XX. Nos tempos modernos, e especialmente nos modernos, o tradicional Ano Novo dos coreanos começou a ser percebido como uma das formas mais marcantes de manifestação da cultura nacional e como expressão da autoconsciência étnica do povo.

O Ano Novo Vietnamita é o Festival Nguyen Giang, que na maioria dos casos cai no mesmo dia do Ano Novo Chinês devido aos vietnamitas usarem um calendário lunar semelhante ao chinês.

O Ano Novo Tibetano é chamado Losar e cai entre janeiro e março.

O Ano Novo iraniano, chamado Nowruz, é o dia que marca o momento exato do equinócio vernal, que geralmente cai em 20 ou 21 de março, marcando o início da primavera. O Ano Novo Zoroastriano coincide com o Ano Novo Iraniano de Nowruz e é celebrado pelos Parsis na Índia e pelos Zoroastrianos e Persas em todo o mundo. De acordo com o calendário bahá'í, o ano novo começa no equinócio vernal em 20 ou 21 de março e é chamado de Nowruz. A tradição iraniana também foi transmitida aos países da Ásia Central, incluindo os cazaques, uzbeques e uígures, e é conhecida lá como Nauryz. Geralmente é comemorado em 22 de março.

O Ano Novo Balinês, baseado no calendário Saka (calendário balinês-javanês), é chamado Nyepi e cai no Ano Novo Lunar Balinês (por volta de março). É um dia de silêncio, jejum e meditação: observado das 6h às 6h do dia seguinte, Nyepi é um dia reservado à autorreflexão e como tal, tudo o que possa interferir na concretização deste objetivo é limitado. Embora Nyepi seja um feriado predominantemente hindu, os balineses não-hindus também observam o dia de silêncio por respeito aos seus concidadãos. Mesmo os turistas não são exceção; embora

possam fazer o que quiserem nos seus hotéis, ninguém tem permissão para ir às praias ou às ruas, e o único aeroporto de Bali permanece fechado o dia todo. Exceções são fornecidas apenas para ambulâncias que transportam pessoas em condições de risco de vida e mulheres prestes a dar à luz. O povo javanês também celebra o Satu Suro neste dia.

Entre os povos da Índia, o Ano Novo geralmente cai em março ou abril. Durante estes meses, as pessoas nos estados de Andhra Pradesh, Telangana e Karnataka, no sul da Índia, celebram a chegada do Ano Novo. O primeiro mês do ano novo é Chaitra Masa. No calendário da Caxemira, o festival de Navre é celebrado de março a abril do Ano Novo. Este dia sagrado dos brâmanes da Caxemira é comemorado há milhares de anos. Padwa é comemorado como o primeiro dia do ano hindu pelo povo de Maharashtra, na Índia e Sanskar Padwa é comemorado em Goa. Este dia cai em março-abril e coincide com Ugadi. O festival Sitkha de Cheti Chand é celebrado no mesmo dia que Ugadi/Gudi Padwa para marcar a celebração do Ano Novo Sindi. O Ano Novo Thelêmico em 20 de março (ou, segundo alguns relatos, 8 de abril) é geralmente celebrado com uma invocação a Ra-Hur-Khuit, comemorando o início do Novo Aeon em 1904. Também marca o início do período sagrado Thelêmico de vinte e dois dias, que termina no terceiro dia da escrita do Livro da Lei. Kalasha Pathans celebra seu chaumus, que marca o início de seu ano em Chitral, no Paquistão, e em partes da Índia. O Ano Novo Marwari (Tapna) é comemorado no dia do festival

Diwali, que é o último dia de Krishna Paksha no mês de Ashwin e também o último dia do mês de Ashwin no calendário hindu. O Ano Novo Gujarati (Bestu/Nao Varas) é comemorado no dia seguinte ao festival de Diwali (que cai em meados do outono – outubro ou novembro, dependendo do calendário lunar). Ano Novo Gujarati é sinônimo de Sood Ekam, que é o primeiro dia de Shukla Paksha no mês de Kartik, que é considerado o primeiro dia do primeiro mês do calendário lunar Gujarati. A maioria dos outros hindus celebra o Ano Novo no início da primavera. A comunidade Gujarati em todo o mundo celebra o Ano Novo após o Diwali para marcar o início de um novo ano financeiro. “A especificidade da Índia desde a época da invasão ariana (indo-europeia) tem sido o domínio da estrutura social de castas comunais santificada pelo hinduísmo. Hindus em todo o mundo celebram seu feriado principal, o festival de Diwali (compare russo “divo”, “maravilha”, “donzela”, “divadlo” tcheco e eslovaco – “teatro”, hudba tcheco e eslovaco – “música”), é o mais significativo no hinduísmo. Diwali é celebrado como o “Festival das Luzes” e simboliza a vitória do bem sobre o mal e velas e lanternas são acesas por toda parte para marcar esta vitória. O tema principal da decoração do festival são lanternas brilhantes, luzes, fogos de artifício e velas acesas que decoram estátuas de animais e deuses. Diwali geralmente cai no final de outubro – início de novembro, o que lembra um pouco os antigos festivais pagãos da colheita de outono celebrados entre os povos indo-europeus no outono. Na Índia moderna, o Diwali é considerado

um feriado de Ano Novo, embora tenha diferentes interpretações em diferentes regiões do país. Além da própria Índia, o Diwali é amplamente celebrado onde quer que existam grandes comunidades hindus. Nos tempos antigos, as pessoas, como as crianças modernas, “maravilhavam-se” com as apresentações teatrais, percebiam-nas como fenômenos reais, onde os músicos “zumbiam” em flautas e instrumentos musicais” (Tikhomirov A.E., Tikhomirova G.M., *Migrations of Indo-Europeans. Indians – Indo -Europeus "Ridero"*, Ekaterinburg, 2018, p. 37).

O povo de Sikkim comemora seu ano novo chamado Losar. Os Baloch hindus no Paquistão e na Índia celebram seu ano novo, chamado Bej Roh, no mês de Daardan em seu calendário Saaldar. O Ano Novo (Rongali Bihu ou Bohag Bihu) é comemorado em 14 ou 15 de abril no estado indiano de Assam. O Ano Novo Tamil (Puthandu) é comemorado no estado de Tamil Nadu, no sul da Índia, no primeiro dia de Chitrai (13, 14 ou 15 de abril). Na cidade-templo de Madurai, Chitrai Thiruvizha é celebrado no Templo Meenakshi. Há também uma enorme exposição chamada Chitrai Porutkaatchi. Também é chamado de Chitrai Vishu em algumas partes do sul de Tamil Nadu. Nas casas hindus, este dia é comemorado com um festival e as entradas das casas são elaboradamente decoradas com kolams. O Ano Novo é comemorado no dia 1º de Boishak (14 ou 15 de abril) em Bangladesh e nos estados indianos de Bengala Ocidental e Tripura. O Ano Novo (Vishuva Sankranti) é comemorado em 14 de abril no estado indiano de Odisha.

Também é chamado de Vishuva Sankranti ou Pana Sankranti. O Ano Novo ou Cheyruba é comemorado no dia 14 de abril no estado indiano de Manipur com muitas festividades e folias.

O Ano Novo Sinhala é celebrado com um festival da colheita (no mês de Bak), quando o sol se move de Meena Rashiya (Casa de Peixes) para Mesha Rashiya (Casa de Áries). Os cingaleses começam a celebrar seu Ano Novo nacional "Aluth Avurudda" em cingalês e "Puththandu" em tâmil. No entanto, ao contrário da prática comum do Ano Novo que começa à meia-noite, o Ano Novo Nacional começa num horário determinado pelos astrólogos, calculando a hora exata da transição do Sol de Meena Rashiya (Casa de Peixes) para Mesha Rashiya (Casa de Áries). Os astrólogos determinam não apenas o início de um novo ano, mas também o fim do antigo. E ao contrário do habitual final e início de um novo ano, entre o final do Ano Velho e o início do Novo existe um período de várias horas, que é denominado "porta nona" (período neutro). Onde parte do sol está na Casa de Peixes e parte está na Casa de Áries. O Ano Novo Nepalês (Nepalês Sambat) é comemorado nas regiões que cobrem o Nepal original. O Ano Novo começa no quarto dia do Diwali. O calendário foi usado como calendário oficial até meados do século XIX.

O Festival da Água é uma forma semelhante de celebração do Ano Novo realizada em muitos países do Sudeste Asiático no dia de lua cheia do 11º mês do calendário lunisolar de cada ano. A data da celebração é baseada no tradicional calendário lunisolar,

que determina as datas dos festivais e feriados budistas, e é comemorada de 13 a 15 de abril. Tradicionalmente, as pessoas borrifavam água discretamente umas nas outras em sinal de respeito, mas como o ano novo cai durante o mês mais quente no Sudeste Asiático, muitas pessoas acabam encharcando estranhos e transeuntes em carros em celebrações barulhentas. O feriado tem muitos nomes diferentes, específicos de cada país:

O Dia de Ano Novo, de acordo com muitos calendários do Sul e Sudeste Asiático, cai entre 13 e 15 de abril, marcando o início da primavera.

Neuroz, o Ano Novo Copta, é uma continuação do antigo Ano Novo egípcio após a reforma do calendário pelo imperador romano Augusto. A data de 1º de Thoth geralmente cai em 29 de agosto no calendário juliano, exceto no ano anterior ao ano bissexto juliano, quando cai no dia seguinte. Os anos bissextos, retirados do calendário gregoriano, significam que atualmente cai em 11 ou 12 de setembro. Enkutatash, o Ano Novo Etíope, cai no mesmo dia que Neyrouz.

Rosh Hashanah (hebraico para "cabeça do ano") é um feriado judaico de dois dias que comemora a culminação dos sete dias da Criação e marca a renovação anual de Deus em Seu mundo. Este dia contém elementos de celebração e introspecção, pois tradicionalmente se acredita que Deus avalia Sua criação e determina o destino de todas as pessoas e criaturas para o próximo ano. Na tradição judaica, o mel simboliza um doce ano novo. Durante a tradicional festa deste feriado, fatias de maçã

são mergulhadas em mel e comidas com bênçãos recitadas para um bom e doce ano novo. Algumas saudações de Rosh Hashaná retratam mel e uma maçã, simbolizando o feriado. Algumas comunidades distribuem pequenos canudos de mel para anunciar o ano novo.

Datas históricas do Ano Novo Europeu

Durante a República Romana e o Império Romano, os anos começaram a ser contados a partir da data em que cada cônsul tomou posse pela primeira vez. Provavelmente foi 1º de maio antes de 222 aC, 15 de março de 222 a 154 aC e 1º de janeiro de 153 aC. Em 45 a.C., quando o novo calendário juliano de Júlio César entrou em vigor, o Senado estabeleceu o dia 1º de janeiro como o primeiro dia do ano. Na época, era o dia em que os titulares de cargos civis assumiam os cargos oficiais, sendo também a tradicional data anual de convocação do Senado Romano. Este ano novo civil vigorou em todo o Império Romano, no Oriente e no Ocidente, durante a sua existência e por muito tempo depois, onde quer que o calendário juliano continuasse a ser usado.

As invasões anglo-saxãs e vikings da Inglaterra entre os séculos V e X empurraram a região de volta à pré-história por um tempo. Embora o renascimento do Cristianismo tenha trazido consigo o calendário juliano, ele foi inicialmente usado principalmente no serviço da igreja. Depois que Guilherme, o Conquistador, tornou-se rei em 1066, ele ordenou a restauração do dia 1º de janeiro como o Ano Novo civil para coincidir

com sua coroação. Por volta de 1155, a Inglaterra e a Escócia juntaram-se à maior parte da Europa para celebrar o Dia de Ano Novo em 25 de março, em linha com o resto da cristandade.

Na Idade Média, na Europa, vários feriados importantes no calendário eclesial da Igreja Católica Romana começaram a ser usados como início do ano juliano.

Na Escócia, a data moderna do Ano Novo foi alterada para 1º de janeiro de 1600 por ordem do Conselho Privado do Rei em 17 de dezembro de 1599. Apesar da unificação das coroas reais escocesa e inglesa com a ascensão dos reis Jaime VI e I em 1603, e até mesmo da unificação dos próprios reinos em 1707, a Inglaterra continuou a usar o dia 25 de março até que o Parlamento aprovou a Lei do Novo Estilo do Calendário de 1750. Esta lei levou toda a Grã-Bretanha a usar o calendário gregoriano e, ao mesmo tempo, mudou o ano novo civil para 1º de janeiro (como na Escócia). Entrou em vigor em 3 de setembro (estilo antigo ou 14 de setembro, estilo novo) de 1752.

De acordo com a datação ao estilo da Páscoa, o ano novo começava no Sábado Santo (um dia antes da Páscoa), ou às vezes na Sexta-feira Santa. A palavra foi usada em toda a Europa, mas especialmente na França, dos séculos XI ao XVI. A desvantagem deste sistema era que, sendo a Páscoa um feriado móvel, a mesma data poderia ocorrer duas vezes por ano; estes dois eventos foram distinguidos como “antes da Páscoa” e “depois da Páscoa”.

No estilo Natividade ou namoro no estilo Natividade, o ano novo começava no dia 25 de dezembro. O termo foi usado na

Alemanha e na Inglaterra até o século XI, e na Espanha do século XIV ao século XVI.

O Equinócio do Sul (geralmente 22 de setembro) era o "Dia de Ano Novo" de acordo com o calendário republicano francês, usado de 1793 a 1805. Era primidi Vendémiaire, primeiro dia do primeiro mês.

Devido à divisão do globo em fusos horários, o ano novo se espalha gradualmente por todo o globo à medida que o início do dia marca o início do Ano Novo. O primeiro fuso horário a inaugurar o Ano Novo, a oeste da Linha Internacional de Data, está localizado nas Ilhas Line de Kiribati e tem um fuso horário 14 horas à frente do UTC. Todos os outros fusos horários estão de 1 a 25 horas atrasados, a maioria deles em relação ao dia anterior (31 de dezembro); na Samoa Americana e Midway ainda são 23h do dia 30 de dezembro. Este é um dos últimos locais povoados onde se celebra o Ano Novo. No entanto, os territórios remotos desabitados dos EUA, Ilha Howland e Ilha Baker, são designados como estando dentro do fuso horário 12 horas atrás do UTC e são os últimos lugares no planeta a celebrar o dia 1º de janeiro. Essas pequenas ilhas de coral estão localizadas aproximadamente a meio caminho entre o Haváí e a Austrália, aproximadamente 1.600 quilômetros a oeste das Ilhas Line. Isto ocorre porque a Linha Internacional de Data é uma coleção de fusos horários locais que atravessam o Oceano Pacífico, permitindo que cada região permaneça mais estreitamente ligada no tempo às regiões políticas e económicas mais próximas,

maiores ou mais convenientes às quais cada uma está associada. Quando o ano novo chega na Ilha Howland, são 2h da manhã do dia 2 de janeiro nas Ilhas Lineares de Kiribati.

História do Ano Novo na Rússia

“O sistema mais antigo de contagem do tempo entre as tribos eslavas orientais, cuja economia se baseava na produção agrícola, provavelmente era a contagem por estações: primavera, verão, outono, inverno. O período completo de mudança das estações foi denominado “verão”. Os registros meteorológicos nas crônicas russas começavam com as palavras “no verão”, que significa “dentro de um ano”. Muitos feriados rituais pagãos, que mais tarde se tornaram cristãos, estavam associados ao calendário agrícola e às estações. São, por exemplo, Maslenitsa, Kolyada (do latim “calendário”; outro nome para este feriado é “aveia” – de “o-primavera”), que celebrava a transformação do sol em verão, “colina vermelha” – o feriado de boas-vindas à primavera, “arco-íris” e “Rusalia” – feriados memoriais de primavera e verão e outros. Kolyada é um ciclo pré-cristão de feriados entre os eslavos durante o solstício de inverno. Segundo as visões antigas, este é o início de uma nova vida, a renovação da natureza e, portanto, o início de um novo ano. Kolyada é acompanhada por canções de natal (canções e rituais). No conteúdo das canções de natal e seu análogo na Ucrânia e na Bielo-Rússia – shchedrivok – os pesquisadores identificam mais de 80 motivos, sendo os principais: bons votos, glorificação e encantamento. Após a introdução do Cristianismo, a igreja o

incluiu em seus ciclos de Natal e Epifania de 24 de dezembro a 19 de janeiro (época do Natal – ou seja, aumento do horário de verão). A igreja contrastou os jogos e rituais das canções de natal com a “glorificação de Cristo”, andando com uma estrela e outras parafernalias cristãs. Como resultado, ocorreu um ritual sincrético (misto).

Uma conexão inextricável com a natureza é demonstrada pelos antigos nomes russos dos meses: janeiro era chamado de Prosinets (a parte clara do dia aumentava visivelmente, ficava mais claro), fevereiro – Sechen (esse nome refletia a prática da agricultura de corte, era a época do desmatamento), março – seco (as árvores cortadas secaram e em alguns lugares a terra), abril – bétula ou bétula zol (início da floração das bétulas nas regiões do sul, a transformação das árvores queimadas em cinzas), Maio – grama (época do aparecimento da grama), junho – isok (gafanhoto), julho – cherven ou serpen (época da colheita), agosto – amanhecer (de "rugido" – provavelmente o início do rugido dos cervos durante o outono rut), setembro – ryuen (do verbo "ryut" – rugido) ou veresen (provavelmente de urze, zimbro, florescendo no outono), outubro – queda das folhas, novembro e dezembro foram chamados de grudun ("gruda" – estrada congelada), com menos frequência – geleia. Juntamente com o cristianismo, o calendário juliano e os nomes romanos dos meses, registados num dos monumentos mais antigos da escrita russa – o Evangelho de Ostromir, espalharam-se pela Rússia. Muitos nomes de meses russos antigos foram preservados nas

línguas ucraniana e bielorrussa. Na Antiga Rus, sabia-se que o tempo era contado em semanas, sete dias cada. É daí que vem o antigo nome russo para a semana “semana”. Ao contrário de muitos calendários antigos, nos quais os dias da semana recebiam nomes de planetas dedicados aos deuses antigos – Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus, Saturno, os antigos nomes russos dos dias refletiam sua posição ordinal em relação ao domingo, que era chamado de “semana” (de “não fazer” – não trabalhar, pois era dia de descanso). O dia seguinte é segunda-feira (depois da semana), depois terça-feira (segundo depois da semana), quarta-feira (meio, meio da semana), quinta-feira (quarto), sexta-feira (quinto dia após a “semana”). Sábado (em eslavo “seis” ou “seis”) recebeu o nome da palavra hebraica “sabbath” (Sabbath), que significa descanso. A expressão russa moderna “seis” também está associada a este mesmo dia da semana, significando “incorreto”, “incerto”, “duas caras”, uma vez que o nome eslavo do dia da semana não foi preservado, mas, em na verdade, a conhecida palavra “sábado” foi-nos aplicada à força. Domingo (Ressurreição) – um feriado cristão semanal estabelecido em homenagem à ressurreição de Jesus Cristo, tornou-se o nome do dia da semana na Rússia.

A semana de sete dias remonta aos cálculos astronômicos caldeus-babilônicos; foi emprestada pelos antigos judeus, que celebravam o sábado como feriado em homenagem ao fim da criação divina do mundo. O sábado também era comemorado no cristianismo primitivo; após se dissociarem do judaísmo,

os cristãos passaram a celebrar o primeiro dia da semana, em que ocorreu a ressurreição de Cristo, como feriado. Os nomes sobreviventes dos dias da semana associados aos cultos astrais sobreviveram em alguns países europeus até hoje, por exemplo: alemão Montag, inglês segunda-feira – dia da lua (segunda-feira), Sonntag, domingo – dia do sol (domingo) , francês Vendredi – dia de Vênus (sexta-feira), inglês-sábado – dia de Saturno (sábado) e outras palavras.

Na vida cotidiana, o início da semana era domingo e o fim era sábado; na prática da igreja, a semana geralmente começava na segunda-feira e terminava no domingo. Após a adoção do Cristianismo em 988-989, foi introduzido o calendário “desde a criação do mundo” (baseado no modelo bizantino), o Ano Novo foi celebrado a partir de 1º de março. Sob Ivan III, a partir de 1492 (ano 7.000 “da criação do mundo”), o Ano Novo começou a ser comemorado em 1º de setembro. Pedro I em 1700 introduziu um novo calendário (juliano) “da Natividade de Cristo”, o Ano Novo foi celebrado a partir de 1º de janeiro. Sob o domínio soviético, o atual calendário gregoriano foi introduzido em 1918, que está agora 13 dias à frente do calendário juliano, por isso também celebramos o antigo Ano Novo. A era internacional moderna é a era desde a Natividade de Cristo (na literatura é designada: antes de R. X., depois de R. X., antes ou depois da nossa, ou nova era). Foi criado em 525 por um monge romano, o arquivista papal Dionísio, o Pequeno – um cita de origem. Ao compilar a Páscoa, Dionísio calculou

o ano do nascimento de Cristo – 754 a partir da fundação de Roma ou 284 antes do início da era de Diocleciano. No século VI. esta era se espalha na Europa Ocidental e no século XIX. em todos os países cristãos. Na Rússia, foi introduzido por Pedro I em 1º de janeiro de 1700. “História do Ano Novo e cronologia na Rus”, A.E. Tikhomirov, publicado no Lokomotiv, dezembro de 2005, nº 21, jornal da força de trabalho da Fábrica de Reparos de Locomotivas de Orenburg, também na Coleção de Artigos. Orenburgo, 2014

"ORIGEM" DO PAPAÍ NOEL E DA DOZE DA NEVE

Imagine que em alguns países os gnomos locais sejam considerados os ancestrais do Papai Noel. Em outros, malabaristas medievais errantes que cantavam canções de Natal ou vendedores ambulantes de brinquedos infantis. Há uma opinião de que entre os parentes de Father Frost está o espírito eslavo oriental do frio Treskun, também conhecido como Studenets, Frost. A imagem do Papai Noel evoluiu ao longo dos séculos e cada nação contribuiu com algo próprio para sua história. Mas entre os ancestrais do mais velho havia, ao que parece, uma pessoa muito real. No século IV, o Arcebispo Nicolau viveu na cidade de Mira. Segundo a lenda, ele era um homem muito gentil. Então, um dia ele salvou três filhas de uma família pobre jogando pacotes de ouro pela janela de sua casa. Após a morte de Nicolau, ele foi declarado santo. No século XI, a igreja onde foi sepultado foi roubada por piratas italianos. Eles roubaram os restos mortais do santo e os levaram para sua

terra natal. Os paroquianos da Igreja de São Nicolau ficaram indignados. Um escândalo internacional eclodiu. Essa história causou tanto barulho que Nicolau se tornou objeto de veneração e adoração de cristãos de diversos países do mundo. Na Idade Média, o costume de dar presentes às crianças no dia de São Nicolau, 19 de dezembro, estava firmemente estabelecido, pois era isso que o próprio santo fazia. Após a introdução do novo calendário, o santo passou a frequentar as crianças no Natal e depois no Ano Novo. Em todos os lugares o bom velhinho tem um nome diferente, na Inglaterra e na América – Papai Noel, e aqui – Papai Noel. Quem é ele – nosso velho amigo e bom mago russo Father Frost? Our Frost é um personagem do folclore eslavo. Por muitas gerações, os eslavos orientais criaram e preservaram uma espécie de “crônica oral”: lendas prosaicas, contos épicos, canções rituais, lendas e contos sobre o passado de sua terra natal. Os eslavos orientais têm uma imagem fabulosa de Moroz – um herói, um ferreiro que liga a água com “geadas de ferro”. As próprias geadas eram frequentemente identificadas com violentos ventos de inverno. Existem vários contos populares onde o Vento Norte (ou Geada) ajuda os viajantes perdidos, mostrando-lhes o caminho. Nosso Papai Noel é uma imagem especial. Isso se reflete nas antigas lendas eslavas (Karachun, Pozvzd, Zimnik), contos folclóricos russos, folclore, literatura russa (peça de A.N. Ostrovsky “The Snow Maiden”, poema de N.A. Nekrasov “Frost, Red Nose”, poema de V.Ya. Bryusov "Ao Rei do Pólo Norte", épico careliano-finlandês

"Kalevala"). Pozvzd é o deus eslavo das tempestades e do mau tempo. Assim que ele balançou a cabeça, um grande granizo caiu no chão. Em vez de uma capa, os ventos o arrastavam e a neve caía em flocos da bainha de suas roupas. Pozvzd correu rapidamente pelos céus, acompanhado por uma comitiva de tempestades e furacões. Nas lendas dos antigos eslavos havia outro personagem – Zimnik. Ele, assim como Frost, apareceu na forma de um velho de baixa estatura, com cabelos brancos e uma longa barba grisalha, com a cabeça descoberta, com roupas brancas quentes e com uma maça de ferro nas mãos. Por onde quer que passe, espere um frio intenso. Entre as divindades eslavas, Karachun, espírito maligno que encurta a vida, destacou-se pela ferocidade. Os antigos eslavos o consideravam um deus subterrâneo que comandava a geada.

Mas com o tempo, Frost mudou. Severo, caminhando pela terra na companhia do Sol e do Vento e congelando os homens que encontrou no caminho para a morte (no conto de fadas bielorrusso "Frost, Sun and Wind"), ele gradualmente se transforma de um homem formidável em um belo e gentil avô.

"As antigas cidades fortificadas dos Urais do Sul eram chamadas de Papai Noel. "Papai Noel" pode ser traduzido do latim como "lugar sagrado e fechado" de "sanctus" – "sagrado, inviolável, inviolável", "clausum" – "lugar fechado e trancado, fechadura, ferrolho". E Papai Noel (Father Frost) anda de trenó e mora no Pólo Norte. O trenó é mais antigo que a carroça com rodas; eles eram conhecidos pelos povos não apenas dos países

do norte, mas também dos países do sul. Muito provavelmente, os trenós nasceram nas regiões polares e serviram como principal meio de transporte no inverno. Em áreas off-road no Extremo Norte e em alguns lugares da Sibéria, os trenós frequentemente substituíam os veículos com rodas no verão. Nas áreas rurais dos países onde o inverno é nevado, os trenós mantêm a sua importância; entre os povos do Extremo Norte ainda servem como principal meio de transporte. Padre Frost com a Donzela da Neve em um trenó puxado por quatro renas, que traz presentes para as crianças, era obviamente um protótipo dos povos do norte, onde há geada, taiga e veados, e que vinham em trenós para a Europa com suas mercadorias. Então esta imagem foi transformada na imagem de São Nicolau. Os antigos indo-europeus no inverno em trenós puxados por renas podiam percorrer longas distâncias na neve, trocando suas mercadorias (“to-var” do nome do antigo Var), onde “cozinham” produtos de metal – a região do Sul Urais, e poderia viajar para a região do Pólo Norte ao longo dos Montes Urais.

As antigas lendas indianas – os Vedas – mencionam a arquitetura antiga dos antigos indo-europeus. As pessoas da era “védica” viviam em pequenas aldeias redondas ou ovais (em forma de ovo), constituídas por edifícios com telhados hemisféricos e cônicos, a aldeia era rodeada por uma cerca e torres de observação, duas ruas largas que se cruzavam em ângulos rectos dividiam a aldeia em quatro partes e terminava com quatro portões. Esta descrição corresponde totalmente à

maioria das fortalezas da cultura arqueológica de Santashy-Arkaim, que atualmente conta com 29 antigas cidades de assentamento arqueologicamente comprovadas no sul dos Urais.

A evidência linguística mostra que nos tempos antigos os alfabetos eram escritos da direita para a esquerda. E a palavra “Meru” escrita ao contrário dará “Urem”, que lembra a palavra “Ural”. Na escrita Devanagari (“usada na cidade celestial”), na qual são escritas línguas indianas comuns como Hindi, Marathi, Nepali, etc., que remonta à escrita Brahmi, as palavras são escritas da esquerda para a direita, conectando letras ao longo da horizontal superior, vogais após consoantes são designadas por sinais especiais, o som “a” não é indicado” (Tikhomirov A.E., Meru – Montes Urais? “LitRes”, Moscou, 2023, p. 6).

A Donzela da Neve é um atributo único da imagem do Padre Frost. Nenhum de seus irmãos mais jovens ou estrangeiros tem acompanhantes tão adoráveis. A imagem da Donzela da Neve é um símbolo de águas congeladas. Essa garota, vestida apenas com roupas brancas, reflete ideias populares sobre juventude e beleza moral. Nenhuma outra cor é permitida no simbolismo tradicional. Seu cocar é uma coroa de oito raios bordada com prata e pérolas. O traje moderno da Donzela da Neve geralmente corresponde à descrição histórica. As violações do esquema de cores são extremamente raras e, via de regra, são justificadas pela impossibilidade de confecção do terno “correto”. No repertório dos contadores de histórias, o conto da Donzela da Neve, conhecido apenas no folclore russo, costuma

ser combinado com outras tramas. Uma das versões do conto de fadas, em que a Donzela da Neve derrete com os raios do sol, foi desenvolvida criativamente por A.N. Ostrovsky na peça de conto de fadas de mesmo nome, que serviu de base para a ópera de N.A. Rimsky-Korsakov "A Donzela da Neve".

1916: “No dia 8 de abril, realizou-se em Petrogrado a 1ª reunião do Comitê de Combate à Dominação Alemã. Esse domínio foi entendido como a influência da língua alemã e dos costumes alemães sobre o povo russo. Em particular, era proibido decorar árvores de Natal para o Ano Novo, acreditava-se que este era um costume alemão introduzido por Pedro I. (Na verdade, a adoração de árvores e plantas perenes e de vida longa, ervas – por exemplo, carvalhos, urze, abetos (abetos), abetos, palmeiras, baobás, etc. se deve ao fato de que os povos antigos não conseguiam explicar por que essas plantas e árvores são sempre verdes e (ou) vivem por muito tempo, daí o antigo costume de decorar essas árvores e plantas, que se difundiu entre os alemães no norte da Europa com decorações de abetos, como as árvores e arbustos mais comuns, que sobreviveram até hoje como árvores de Ano Novo). Em dezembro de 1915, por decreto de Nicolau II, a liquidação das colônias alemãs na região do Volga, no sul da Ucrânia e no Cáucaso foi agendada para abril de 1917 através do reassentamento forçado dos colonos alemães na Sibéria. Foram introduzidas proibições ao uso da língua alemã em locais públicos, à divulgação de informações sobre o exército, em várias províncias é proibida a

propagação de rumores e informações falsas que desacreditem o governo" (Tikhomirov A.E., *Hard Time of Russia: 1916-1919. Crônica dos acontecimentos. "Ridero"*, Ekaterinburg, 2019, p. 3).

Referências

Grande Enciclopédia Soviética, editada por B. A. Vvedensky, Moscou, 1953, vol. 19

Costumes e rituais do calendário dos povos do Leste Asiático. Ano Novo, editores-chefes: R. Sh. Dzharlygasinova, M. V. Kryukov, Moscou, principal redação de literatura oriental da editora Nauka, 1985

Tikhomirov A.E., "História do Ano Novo e cronologia na Rus", publicado em "Lokomotiv", dezembro de 2005 nº 21, jornal do coletivo trabalhista da Fábrica de Reparos de Locomotivas de Orenburg, também na "Coleção de Artigos". Oremburgo, 2014

Tikhomirov A.E., *Tempos Difíceis da Rússia: 1916-1919. Crônica dos acontecimentos. "Ridero"*, Ecaterimburgo, 2019

Tikhomirov A.E., *Meru – Montes Urais? "Litros"*, Moscou, 2023

Tikhomirov A.E., Tikhomirova G.M., *Migrações de Indo-Europeus. Os indianos são indo-europeus. "Ridero"*, Ecaterimburgo, 2018